



TODOS À MESA: reflexão sobre o núcleo familiar em Marília Arnaud

Claudenice da Silva Souza
Livramento Fernanda de Lima Araújo

Universidade Federal de Campina Grande (clau909silva@gmail.com)

Universidade Federal de Campina Grande (livfernanda2@gmail.com)

O núcleo familiar é constituído tradicionalmente por pai, mãe e filhos. Essa composição está presente no conto “A família (à mesa)”, da escritora paraibana Marília Arnaud, publicado no livro *Sentimento marginal* em 1987 pela Gráfica Santa Maria. Juntos, eles são a típica família burguesa brasileira com suas preocupações e conflitos internos. No conto, é mostrado para o leitor um ambiente sentimentalmente deteriorado pela falta de diálogo, afeto e respeito. A figura do pai é a que predomina como sendo o causador das discórdias que giram em torno da mesa. Todos os outros membros da família o desprezam, mas ninguém tem coragem o suficiente para dizer isso. A autora paraibana emoldura um quadro das desavenças ocorridas no seio familiar e demonstra a opressão contida que faz crescer a amargura no íntimo cada um. O objetivo do nosso trabalho é fazer uma interpretação dos personagens, dos conflitos e do meio no qual eles vivem. Sendo assim, propomo-nos também a realizar uma reflexão acerca do retrato da família a partir do conto narrado em terceira pessoa. Nosso embasamento teórico se dá a partir de Roudinesco (2003), que defende que apenas definir a instituição familiar do ponto histórico e antropológico não é o suficiente. É necessário entender a origem das transformações que se deram e vigoram até hoje e dos aspectos que ocasionaram a desordem atual e concomitantemente tão atemporal nas famílias. Mencionamos também Rousseau (1964) com as considerações sobre a estrutura familiar e Gancho (2002) que nos auxilia em relação ao gênero literário conto.

Palavras-chave: Família, Marília Arnaud, Conflitos, Gênero conto.

PALAVRAS INICIAIS

E, de repente, os meus olhos se abriram: percebi que estou velho. Não, não foi a soma dos anos vividos que me fez chegar a esta conclusão.

Rubem Alves – Sobre o tempo e a eternidade

Falar sobre as pessoas com quem temos vínculos parentais é falar sobre as relações mais íntimas e conflitantes dos seres humanos, pois é no seio familiar que cada ser humano se constitui inicialmente e é nele que ficam as marcas do que somos e do que não somos ao decorrer da vida. A temática a respeito da família é estudada há bastante tempo, pois suas mudanças intrigam aqueles que se aventuram na compreensão desta constituição tipicamente humana.

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



Marília Arnaud traz em seu conto “A família (à mesa)” momentos nos quais uma família está em torno de uma mesa para jantar. A cada parágrafo lido, percebemos a infelicidade e os conflitos psicológicos gerados pela convivência fracassada ao longo dos anos. Nosso trabalho se propõe a analisar um pouco dessa conjuntura familiar exposta na narrativa contemporânea e tudo que a envolve.

Nosso estudo está embasamento primordialmente nas reflexões de Roudinesco (2003) e também em algumas considerações de Rousseau (1964) com os comentários sobre a estrutura familiar e Gancho (2002) que nos auxilia em relação ao gênero conto. Primeiramente, tecemos algumas considerações sobre a família de uma forma geral e sua estrutura formada ao longo do tempo. Posteriormente, apresentamos um tópico que trata do enredo do conto e analisamos os sentimentos dos personagens em torno da mesa. Seguem, por fim, as nossas considerações finais.

UM POUCO SOBRE A INSTITUIÇÃO FAMILIAR

O que dizer sobre a constituição familiar? Ela é a base de toda a sociedade e é sob ela se estruturam os valores, os bens, o trabalho, as crenças e a vida de forma geral. Não há como negar que essa instituição fundamenta a existência da sociedade. Como haveria a organização social se os seres humanos não se dividissem em grupos menores como as famílias? Ao longo do tempo, diversos estudos vêm surgindo com o intuito analisar as diferentes nuances presentes nela, desde a sua constituição – com os laços de amor, amizade e duração – até os entraves que causam separações, brigas e até mortes.

Roudinesco (2003) defende que a própria família possui diferentes realidades, pois “num sentido amplo, a família sempre foi definida como um conjunto de pessoas ligadas entre si pelo casamento e a filiação, ou ainda pela sucessão dos indivíduos descendendo uns aos outros: um *genos*, uma linhagem, uma raça, uma dinastia, uma casa etc.” (p. 12, grifo da autora). Quer queira quer não, de certa forma, a família é isso mesmo, as pessoas que estão unidas por causa de um contrato – casamento – ou por serem pais ou filhos formam a instituição conhecida como família.

Ao mencionar Aristóteles, Roudinesco (2003) explica parafraseando o filósofo que família se define



como uma comunidade (*oikia* ou *oikos*) servindo de base para a cidade (*polis*). Longe de constituir um grupo, é organizada em uma estrutura hierarquizada, centrada no princípio da dominação patriarcal. Três tipos de relações, ditas "elementares", lhe são constitutivas: a relação entre o senhor e o escravo, a associação entre o marido e a esposa, o vínculo entre o pai e os filhos. (ROUDINESCO, 2003, p. 12, grifos da autora)

Ainda hoje essa instituição parece ser pensada como uma estrutura hierarquizada, embora venha se perdendo ao longo do tempo a ideia de patriarcalismo. Não afirmamos que se perdeu de todo, pois o pai ainda, em muitas famílias, é aquele que serve como exemplo para os filhos, aquele que manda, que garante a subsistência e aquele por quem as decisões devem passar. Inclusive, uma grande maioria das pessoas chega a pensar que filhos criados sem pai podem crescer sem valores e sem uma boa conduta moral. Isso ocorre porque é difícil que valores bastante arraigados nas sociedades deixem de existir, embora sofram inevitáveis modificações ao longo do tempo.

Sem pretender utilizar o senso comum, mas mesmo assim o fazendo, sabemos que não é raro encontrar filhos que fazem determinado curso por causa de uma preferência de seus pais ou que se relacionam ou deixam de se relacionar com uma pessoa porque sua família não gosta. Esses são apenas alguns exemplos corriqueiros que ainda existem nas sociedades por mais modernas que sejam. É óbvio que os jovens estão se libertando disso, há rompantes que fazem com que a juventude se afirme como autônoma e rasgue convenções, mas há aqueles que ainda não o conseguiram de todo e que até preferem – por medo ou respeito – as decisões dos pais em suas vidas. Não estamos aqui julgando o que é positivo ou negativo em relação a tudo isso, e sim fazendo uma reflexão acerca do modo com a hierarquização ocorreu e ocorre na sociedade.

É verdade também que hoje, não querendo adentrar muito nessa questão, o papel do pai é, diversas vezes, assumido pela mãe, pela avó ou pelo avô pelas mais diversas razões, como, por exemplo, a morte do pai, uma relação entre casais muito jovens em que depois o pai não assume a criança, separações, que são alguns dos casos em que isso dá lugar para outras pessoas assumirem esse papel. Interessante é pensar que, de uma forma ou de outra, parece que haverá sempre alguém assumindo a função de provedor e conseqüentemente um lugar hierárquico na instituição familiar.

Ao comentar a evolução da família no Ocidente a partir dos estudos de diferentes autores como François de Singly, Claudine Attias-Donfut, Nicole Lapierre e Martine Segalen, a autora afirma que é possível diferenciar três grandes períodos na evolução da família, que



vamos comentar e refletir acerca de cada um logo em seguida.

A primeira fase só pode corresponder à família conhecida como tradicional. Nesse período, de acordo com ela, o grupo familiar servia primordialmente para garantir que o patrimônio seria repassado de pais para filhos. Ou seja, os casamentos eram arranjados pelos pais do rapaz e da moça sem levar em consideração nenhum afeto entre eles, nenhum desejo sexual e muito menos a idade. Isso tinha a ver com a ordem do mundo imutável, como chama a autora, na qual a autoridade patriarcal estava acima das preferências dos filhos. De um modo geral, podemos entender esse primeiro momento da história do grupo familiar como um meio que tinha como objetivo única e exclusivamente o repasse e a preservação dos bens, ou seja, questões tão amplamente discutidas hoje como amor, respeito ou relações interpessoais não adentravam e era natural que os pais, utilizando de sua posição – principalmente o pai –, decidissem pelos filhos sobre seus futuros.

Roudinesco (2003) explica que a família dita moderna corresponde à segunda fase, na qual ela se torna “o receptáculo de uma lógica afetiva cujo modelo se impõe entre o final do século XVIII e meados do XX” (p. 12) e acaba por ser fundada a partir do amor romântico, tendo como justificativa a reciprocidade sentimental e o desejo sexual. Entra nessa fase a divisão do trabalho entre homem e mulher e a nação como responsável pela educação dos filhos.

Dessa forma, percebemos uma grande diferença de pretensões e objetivos em relação às duas fases, pois o amor começa a ser objeto de procura deixando de lado, portanto, o casamento arranjado pelos pais. Isto é, a lógica afetiva – nos dizeres da autora – se instaura como potencialmente importante para as relações no casamento, coisa que não existia na primeira fase. Levando em consideração esse objetivo, podemos afirmar que há uma mudança, pois se a busca agora se justifica através do sentimento, quer dizer que os pais deixam livres – pelo menos em teoria – seus filhos para que escolham por si mesmos. A hierarquia entre pais e filhos sofreu, portanto, modificações consideráveis.

A terceira fase, ainda segundo a autora, diz respeito à família chamada de contemporânea – ou pós-moderna –, que passa a ser percebida a partir dos anos 1960. Esse tipo de família “une, ao longo de uma duração relativa, dois indivíduos em busca de relações íntimas ou realização sexual. A transmissão da autoridade vai se tornando então cada vez mais problemática à medida que divórcios, separações e recomposições conjugais aumentam” (ROUDINESCO, 2003, p. 12). Como vemos, a união passa a ocorrer por motivos que diferem dos tipos de família de antes, pois a escolha do(a)



parceiro(a), o desejo sexual e a vontade de construir uma vida juntos passam a ser os responsáveis pelas uniões em matrimônio.

Pelo que a autora destaca, as relações começam a ter uma duração que pode ser relativa. Por diversos motivos, casais começam a aceitar que casamentos terminam e os divórcios ganham espaço nas sociedades. Ou seja, a liberdade aflora nessa época tanto a escolha de com quem casar quanto a desistência de ficar ao lado de quem antes foi escolhido.

Como estão as relações nessas famílias contemporâneas? Não há dúvidas de que a constituição familiar mudou – e muito. Como ficaram questões como respeito, valores e criação? Os tempos mudaram e a família acompanhou essa evolução. Sobre isso, Roudinesco (2003, p. 13, grifo nosso) afirma que “à família autoritária de outrora, triunfal ou melancólica, sucedeu a **família mutilada de hoje, feita de feridas íntimas, de violências silenciosas, de lembranças recalçadas**”. É interessante perceber o modo como a autora se refere à família: *Mutilada* é uma palavra que implica algo interrompido, cortado, fragmentado ou estropiado, como se houvesse nos tempos de hoje uma fragmentação cada vez maior naquilo que entendemos como instituição familiar.

Resta saber em qual momento da história ela representou algo não fragmentado ou interrompido... As feridas íntimas são as diversas possíveis com brigas, traumas, imposição de vontades, não aceitação do jeito do outro junto com uma gama de outras questões. As violências silenciosas de que fala a autora parecem ser a nosso ver o nervo mais profundo e sensível da problemática familiar. Há violência dentro das famílias, seja ela física, emocional, psicológica e não apenas por parte dos pais, os filhos têm grande contribuição nessa problemática. A autora representa, através do percurso que faz, o modo como as pessoas estão refletindo sobre a família nos dias atuais.

O que destacamos acima serve de base para pensarmos em muitas questões relativas a essa instituição. Dentro do seio familiar, pelo que são causadas as feridas íntimas? Por que calar as violências sofridas a partir daqueles que devem proteger e ser base? Por que o sofrimento perante lembranças que deveriam causar sempre alegria e saudade?

Na atualidade, pais se separam, filhos moram apenas com um deles e passam o fim de semana na casa do outro, filhos são adotados por dois pais ou duas mães, avós criam netos. A família se modificou, mas os problemas indicados pelas indagações acima ainda permanecem e se tornam cada vez mais profundos e imbrincados na tessitura familiar. Vejamos no tópico seguinte a nossa reflexão a partir do conto e como essas questões se tornam palpáveis e tragicamente reais na literatura de Marília Arnaud.



O UNIVERSO FAMILIAR NO CONTO

O primeiro parágrafo é a descrição de Alípio Costa, o pai. O narrador dá algumas características dele e a cena vai se compondo aos olhos do leitor: um jantar. Os detalhes que o narrador dá são responsáveis por nos mostrar que tipo de concepção de pai está posta no conto. Ele senta na cabeceira da mesa, lugar indicado para o homem da casa na família tradicional, e se houver uma mudança de tempero na comida a refeição é abandonada imediatamente pelo pai, que mais parece um patrão exigente.

Ações desse tipo nos fazem pensar na figura do pai como alguém imperioso e pouco receptivo a afetos, pelo menos em relação às pessoas que convivem com ele, já que ficamos restritos ao universo da casa e principalmente à situação do jantar em família. Isso nos leva a crer na ideia do patriarcalismo da família tradicional. Ora, se até o tempero não podia jamais ser modificado, as preferências dos outros não eram levadas em consideração, isto é, bastava o que ele quisesse e nada mais, os outros que comessem de acordo com o paladar do rigoroso pai.

Além disso, o narrador o descreve como um ser de pouca ou nenhuma classe: “Quando come parece um animal; não fala com ninguém, não ouve ninguém. Franze os olhos empapuçados e nada mais importa além da mistura de grãos em seu prato” (ARNAUD, 1987, p. 37), fazendo-nos caricaturar a figura de um homem mesquinho e individualista e ainda por cima com gestos grosseiros. A característica – adjetivo *empapuçados* – referente aos olhos dele contribui para a ideia de que ele parece um animal, ou seja, um ser irracional incapaz de afetos. Ademais, ainda há o fato de que ele quando come não fala com ninguém, o que nos faz pensar que a refeição era o mais importante ou que as pessoas com as quais comia não tinham relevância alguma para ele. A mesa deveria ser um lugar no qual todos compartilham um momento íntimo – jantar em família – e falam de seu dia, de seus trabalhos, de seus cansaços, mas não é o que ocorre no conto.

Ao longo da narrativa, nos primeiros parágrafos, surge a percepção do pai diante da vida de sua família e compreendemos que os momentos silenciosos de refeição em família aconteciam quando eles eram pequenos, pois “os filhos estão crescidos. À mesa, falam de cinema, livros, governo... Fizeram-se entendidos das coisas. Não mais perguntam ao velho Alípio: ‘ô pai, o que é mesmo onirodinia?’ Alípio ressentido” (ARNAUD, 1987, p. 37). Nessa forma de perceber a passagem do tempo, nos damos conta de que ele agora não mais impede que se expressem nas horas de comer ou



podemos levantar a hipótese de que já não respeitam essa regra de severidade do pai. O rompimento do rígido silêncio veio de alguma parte, ou do pai ou dos filhos.

Os pensamentos do pai são incorporados à narrativa. O velho homem pensa nos filhos crescidos, nas perguntas que eles não lhe fazem mais e no quanto eles acreditam saber de tudo. Parece haver uma melancólica visão do tempo que passou. Eles já não perguntam mais nada a ele e isso parece cavar uma profunda distância entre pai e filhos, relação que não sabemos se houve de maneira afetiva. Para Alípio, todos são mal-agraçados e não reconhecem tudo o que ele fez ao longo da vida por eles.

Retomando as ideias de Roudinesco (2003, p. 13, grifo nosso), explanadas acima, lembramos que “**ao perder sua auréola de virtude**, o pai, que a dominava, forneceu então uma imagem invertida de si mesmo, deixando transparecer um eu descentrado, autobiográfico, individualizado, cuja grande fratura a psicanálise tentará assumir durante todo o século XX”. Nosso estudo, ainda que não seja psicanálise, também tenta adentrar no universo dessa família e perscrutar os valores do pai, que, assim como nas reflexões da autora, perdeu a virtude de poder tirar as dúvidas dos meninos quando eles ainda eram ignorantes em relação à vida. O fato de não mais verem o pai como alguém capaz de lhes desvendar coisas e de agora falarem à mesa, ou seja, de ignorar a regra do velho também parece dar indícios desse eu individualizado e fraturado que é Alípio.

O narrador, através do discurso indireto livre, vai revelando pouco a pouco a personalidade da família. No terceiro parágrafo do conto, a esposa aparece. Através do narrador, sabemos que Alípio pensa no quanto ela se tornou arisca com ele e o quanto a incomoda “com seu cheiro de homem velho, com seus modos grosseiros, com sua mania de severidade” (ARNAUD, 1987, p. 37). A mulher, submissa, escolhe refugiar-se na frente da televisão para não lhe falar e na cama, à noite, vira-se para a parede. Nem mesmo o diálogo existir entre o velho casal e, tristemente, não há sintomas de qualquer felicidade.

Diferentemente dele, ela come com calma e tenta apaziguar a discussão gerada por algum motivo que o marido não consegue nem saber o que é. Por não prestar atenção ou por que não lhe envolvem na conversa? Tocante é o fato de a figura dessa mulher é desvalorizada e submissa, pois ao pedir que cessem a falácia ninguém lhe dá ouvidos, como se de fato não a escutassem e ela não estivesse ali ou porque simplesmente não fazia diferença que ela tentasse intervir.

A mãe se apressa em pensar na novela das sete – seu refúgio – e roga a Deus para que o marido acabe logo de comer, pois não é possível



abandonar a mesa sem que ele anuncie, cruzando os talheres, que terminou de jantar. Neste costume da família, é possível perceber como o patriarcalismo está inserido, arraigado na constituição familiar dessas pessoas. Ele nem ao menos falava que havia terminado, pois o gesto de cruzar os talheres já era o suficiente para que todos entendessem. Para nós, leitores, esse fato não soa como educação ou respeito, mas sim como um comportamento forçadamente rigoroso.

A família parece não notar a existência dessa mulher como um ser humano ou, primordialmente, como mãe e esposa. Talvez o descaso para com ela seja uma consequência do próprio modo grosseiro e desinteressado como o pai a trata. Isto é, talvez reflita infelizmente a ausência de respeito que o marido tem em relação a ela. Assim como ele, não lhe dão ouvidos e nem a envolvem em suas conversações.

Há, assim como em relação a Alípio, a descrição de dona Ana ou Naninha. Não nos deteremos detalhadamente sobre sua aparência, mas dizemos que ela é uma mulher já passou da meia idade, é vaidosa e é uma dona de casa dedicada a todos os afazeres domésticos. Ela cuida de absolutamente tudo na casa, mesmo que tenha uma empregada, fato curioso que podemos atribuir à ideia de que a mesma se sente importante ao desempenhar tais tarefas e isso lhe conforta.

Dona Ana se sente requisitada quando a cozinheira erra a macarronada. Parece que a importância dela se resume a tarefas caseiras, pois para isso ela é relevante e ao ser tida como necessária sente-se lisonjeada e, é duro dizer, serve para alguma coisa. “Às vezes, pensa em si mesma, como pessoa, e pergunta-se, espantada, quem é” (ARNAUD, 1987, p. 37). Esse fragmento do conto revela o sentimento de impotência diante da vida que tem. Uma mulher que viveu e vive ainda para a casa e a família e que, por vezes, procura sua própria identidade. Já não basta ter os filhos crescidos e uma casa que pode arrumar todos os dias da forma como quiser, falta-lhe algo que nem ela mesma compreende o que seja. O vazio parece ter feito morada em Naninha e ela se esquece de si mesma diante da televisão.

Em consonância com essa realidade vivenciada pela mulher, não podemos deixar de mencionar o que Roudinesco (2003, p. 21, grifos nossos) afirma em relação à estrutura parental, que, segundo ela,

repousa portanto em três fundamentos: **a autoridade do marido, a subordinação das mulheres, a dependência dos filhos**. Mas, ao se outorgar à mãe e à maternidade um lugar considerável, proporciona-se meios de controlar aquilo que, no imaginário da sociedade, corre o risco de desembocar em uma perigosa irrupção do feminino, isto é, na força de uma sexualidade julgada tanto mais selvagem ou devastadora na



medida em que não estaria mais colada à função materna. **A mulher deve acima de tudo ser mãe, a fim de que o corpo social esteja em condições de resistir à tirania de um gozo feminino capaz, pensa-se, de eliminar a diferença dos sexos.**

De acordo com a autora, havia um medo de que as mulheres surgissem como autônomas de seus próprios destinos e acabassem se sobrepondo aos homens, por isso sempre foi relegada a elas a condição de ser mãe porque assim seria assegurado que elas jamais se igualariam ao sexo masculino. É nessa estrutura social, cercada de insegurança e desvalorização do ser feminino, que vive Dona Ana. Por isso, a sua tristeza e a sua impotência em sua própria casa.

A amargura se instaura nessa mulher que viveu sempre para o lar e para os outros. A família não lhe deu muitas alegrias ou satisfação que durassem em sua velhice. Mesmo que ainda convivam constantemente, não parece haver um elo que os una de maneira afetiva, eles apenas estão lá uns com os outros e a relação não ultrapassa essa barreira. Para embasar o que vemos no conto da autora paraibana, lembramos Rousseau (1964). Ele explica que mesmo que os membros familiares permaneçam juntos, isso não se dá de forma natural, mas sim voluntária – no sentido de que racionalmente sabem que não devem se abandonar. O filósofo Rousseau (1964) argumenta que a família se mantém por convenção e não por afeto ou cuidado. É claro que não é preciso estarmos totalmente de acordo com as reflexões dele para relacioná-las ao universo do conto. Essa ideia pode nos dar um leque para a compreensão da falta de afetividade entre os personagens ou da ausência de importância que uns atribuem aos outros.

A mãe vê os filhos com seus próprios afazeres e ela permanecendo estanca e invariável. Enquanto a vida de todos toma seu rumo, ela continua a mesma, esperando uma mudança que não sabemos qual é, porque ela também não sabe. Há conflitos interiores nessa mãe, esposa e mulher, que procura, agora que os filhos estão crescidos, sua importância e seu lugar no mundo.

Vale mencionar as ideias de Rousseau (1964 apud ROUDINESCO, 2003) de que os filhos ficam ao lado dos pais até o momento em que deles necessitam e vice versa, isto é, os pais se desobrigam da tarefa de cuidar tão logo percebem que eles não mais precisam, pois deixaram de ser frágeis e necessitados de cuidado. As crianças, como chama o narrador para refletir a maneira dona Ana os vê, não aparentam se preocupar com seus pais, mas ela – a mãe – se detém a pensar na filha que está distante e teme



por ela. Nesse sentido, essa personagem destoa do que o filósofo aborda sobre a posição dos pais em relação aos filhos quando estes crescem e se tornam independentes. Na realidade, a situação também é complexa, os sentimentos materno e paterno têm uma alta posição na vida e nas decisões dos filhos e nem sempre os pais permitem eles voem para onde quiserem.

Já em relação ao sentimento de uma das filhas, nos é demonstrado em que medida a teoria de Rousseau (1964) ilumina o nosso estudo:

Comove-se a enxergar o pai, à sua frente, a cabeça inclinada para o prato, um fio de sopa escorrendo-lhe pelo canto da boca murcha. Velho e triste. Comisera-se dele. Sacode-se na tentativa de afastar, outra vez, seu sentimento de culpa. “Como é fraco e egoísta! Por que tenho necessariamente que amá-lo?” (ARNAUD, 1987, p. 38-39)

Notamos no trecho acima o quanto lhe é incômoda a convivência com o pai, principalmente depois de velho, idade que o torna ainda mais rude e áspero. Não podemos deixar de mencionar que talvez o próprio pai tenha arruinado o convívio e o afeto com a família, pois a narrativa parece girar em torno do desconforto que todos sentem em relação à figura patriarcal, que lembra os aspectos da família tradicional citada por Roudinesco (2003). Por vezes, a culpa assola a filha pelo desprezo que sente por ele, mas isso é reprimido e esquecido. Ela indaga a si mesma o porquê de ser obrigada a amá-lo. Nós somos quem indagamos agora: Há como obrigar alguém a amar o outro?

O narrador expõe os pensamentos de Anamélia, primogênita do casal. Ela tem tristezas em relação à família, como já vimos acima, e guarda mágoa da preferência que a mãe tem pelo irmão beberrão. Embora nunca tenha falado a respeito e procure sempre pensar se a mãe ama o pai ou não, ela busca um momento em família. Para isso, se aproveita do pouco tempo que passa à mesa junto de todos, o único instante em que aparentam estar reunidos. Anamélia observa a todos:

A família vai continuar sendo seu martírio. Parece simples: uma casa com portas, janelas, uma mesma... um homem aparentemente forte à cabeceira (fraco, fraco, fraco...), uma mulher sem ambições nem sonhos (apenas uma mãe) e os filhos, jovens, cheios de vitalidade (a velhice e sua feiura estão distantes...). Parece simples. Ela sabe que dói. Dói sentar à mesa e olhá-los, a eles, pai, mãe, irmão, tão domésticos, tão íntimos, tão cheios de rancor. (ARNAUD, 1987, p. 39)

A concepção que ela tem em relação à sua própria família é deprimente. O fracasso é impregnado em sua forma de vê-los, não há, pelo trecho acima, prazer em estar ao lado dos parentes. Eles todos parecem fazer parte da estrutura arquitetônica do imóvel e compõem o cenário



conveniente de família, nada além disso. O que ela tem como concepção em relação a seu meio familiar se reflete em sua vida, pois não se sente realizada diante do que já fez, acha que tudo foi inútil, chega a se perguntar o que fará com o que já estudou.

Acusa-o de leviano e diz não poder julgá-lo um moço sério. Alípio Júnior não se deixa abater. Há alguns anos, considerava estas impressões do pai a seu respeito com tamanha reverência que elas o deixavam prostrado. Hoje, não lhes dá a mínima importância. A figura do pai, lentamente, fora se apoucando até tornar-se a de um homem vulgar, velho, intransigente e presunçoso (o que o fazia olhar a mulher e os filhos com aquela expressão equívoca de sapiência e imortalidade?). (ARNAUD, 1987, p. 39)

O narrador revela que o filho – Alípio Júnior (nome do pai) – pouco a pouco foi perdendo o afeto, o respeito e a admiração pelo pai. Ele o abomina e não se importa mais com que o pai dizia a seu respeito. A relação deles está deteriorada e a única pessoa por quem esse filho mantém um apreço é a mãe, porque sabe que ela o venera.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto da escritora paraibana se insere no meio literário trazendo à tona questões vivenciadas por todos os seres humanos, tais como: a relação com os pais e a passagem do tempo. A literatura de Marília Arnaud é cortante e diz de forma aguda o que já sabemos a respeito de nossas instituições familiares, que muitas vezes o respeito não há tanto de pais para filhos quanto vice versa e que por diversos motivos vivem realidades fragmentadas e traumáticas.

No conto, a figura do pai é apresentada de maneira rude e egoísta, como eram, na maioria das vezes, os pais de antigamente para fazer valer a autoridade e o respeito que todos deveriam ter para com eles. O patriarcalismo ainda persiste no convívio com a esposa e com os filhos, ainda que de maneira distanciada em que todos parecem ter esquecido o antigo medo de falar, de expor suas opiniões e de tomar decisões por si mesmos. O pai está acabado, destituído de seu poder e velho, o que se configura como a justificativa para amaneira como o veem. Os anos passaram e os filhos agora não precisam mais dele para o sustento da casa nem para que lhe tirem dúvidas.

Dona Ana representa a antiga mulher oprimida pelo homem, que é seu próprio esposo. Ela viveu para a casa e para os filhos e agora não tem mais importância. Ela é a figura da mãe que, passado o tempo em que era extremamente necessária, já não lhe atribuem valor e ela fica a um canto, esquecida e só, mesmo que com



muitas pessoas ao seu redor. Dona Ana não pensava em nada para si mesma, apenas na filha que havia ido embora e nos momentos em que sua novela começava e ela podia ficar solitariamente diante do aparelho televisivo. Ela é, portanto, a mulher frustrada que não realizou suas vontades além do casamento e procura na velhice por algo que satisfaça seu anseio de vida.

Referências bibliográficas

ARNAUD, Marília Carneiro. **Sentimento Marginal** (contos e crônicas). João Pessoa, Gráfica Santa Marta, 1987.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto 1: prolegômenos e teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1995.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Tradução de André Telles. – Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.

ROUSSEAU Jean-Jacques. **O contrato social**, in Euvres complètes, vol.III, Paris, Gallimard, col. Bibliothèque de la Pléiade, 1964.